

PAEMONILIA

A ARTE HIERÁTICA

VOL. IV

Ερατική τέχνη



FERNANDO LIGUORI
TATA NGANGA KAMUXINZELA

DAEMONIUM VOL. 4

A ARTE HIERÁTICA

DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA constitui a culminação teórico-operatória do projeto DAEMONIUM, apresentando uma arquitetura rigorosamente tripartida que articula filosofia, teologia e teurgia sob o critério da mediação ontológica. O volume assume como eixo a recuperação do *daimôn* pessoal enquanto operador real da vida singular e do Cosmos, recusando tanto a redução psicologizante moderna quanto a moralização patrística. Com aparato filológico e argumentação de alto rigor, o livro reconstroi a inteligibilidade da ação espiritual a partir de uma ontologia das mediações, restituindo à tradição platônica tardia sua coerência interna e sua potência explicativa.

Na parte filosófica, o livro estabelece os fundamentos conceituais do *daimôn* pessoal como princípio mediador entre universal e particular, inteligível e sensível, causalidade superior e biografia concreta. A análise percorre Platão, Plutarco, Apuleio, Jâmblico e Proclo, demonstrando que o *daimôn* não é metáfora ética nem categoria psicológica, mas solução ontológica necessária ao problema da proporção causal. Essa seção elabora, com densidade filológica e precisão conceitual, a distinção entre alma, *nôûs* e instância *daemônica*, mostrando como a vida ética, o destino e o caráter (*ēthos*) dependem de uma mediação real que governa a tradução das causas universais em existência singular.

Na parte teológica, o DAEMONIUM Vol. 4 desenvolve uma doutrina hierárquica do Cosmos fundada na distinção rigorosa entre deuses, *daimones* e almas, articulada à noção de providência e às séries causais. O livro demonstra que a transcendência divina só se preserva mediante mediações proporcionais, e que a eliminação dessas instâncias, seja por monoteísmo simplificador, seja por dualismo, produz incoerência ontológica. Ao reconstituir a teologia platônica tardia, a obra evidencia o erro estrutural da demonização cristã do *daimôn*, não como divergência confessional, mas como colapso de categorias que dissolve a inteligibilidade da ação divina no mundo.

Por fim, na parte teúrgica, o volume apresenta a teurgia como *arte hierática*, i.e. como ontologia operatória da mediação. Aqui, a ἱερατικὴ τέχνη é definida como o conjunto de operações nas quais a causalidade divina se torna imanente à matéria consagrada por meio de *symbola* e *sunthēmata*. A análise demonstra que imagens, nomes, substâncias, ritmos e corpos ritualizados não funcionam como representações, mas como marcas causais que permitem a fixação do fogo divino em receptáculos preparados. A teurgia é, assim, apresentada como ciência da presença e da eficácia, na qual o hierofante não fala do divino, mas se integra à cadeia causal que reconfigura o Cosmos pela ação efetiva da divindade através da matéria.



ESTE É UM LIVRO PARA MEUS PARES

Por Fernando Liguori
Táta Nganga Kamuxinzela

Este livro não se dirige ao leitor genérico, ao curioso do *Ocultismo* ou ao consumidor contemporâneo de espiritualidades portáteis, mas a um destinatário ontologicamente determinado: aquele cuja vida já foi atravessada pela experiência da mediação real e que, por isso mesmo, não confunde discurso com iniciação nem simbolismo com causalidade. No horizonte do platonismo teúrgico, o acesso ao conhecimento não depende de interesse intelectual, mas de proporção ontológica entre o que é dito e aquele que ouve. Proclo afirma explicitamente que o inteligível não se oferece a qualquer disposição, mas apenas àquilo que lhe é semelhante por ordem e medida: *τὰ νοητὰ τοῖς νοητοῖς μόνον ἐπιφαίνεται* (*o inteligível só se manifesta ao inteligível*).¹ Um livro que trata da arte hierática, portanto, não pode ser universal no sentido moderno do termo; ele é universal apenas quanto à validade ontológica de seus princípios, não quanto à capacidade indiscriminada de assimilação. Escrever para *todos* seria, nesse contexto, um erro de categoria, pois implicaria supor que a mediação pode ser compreendida sem que a vida tenha sido previamente reorganizada segundo hierarquia, disciplina e fidelidade.

Os puritanismos espirituais contemporâneos, que rejeitam sacrifício, sacerdócio, remuneração e transmissão em nome de uma suposta espiritualidade nova era de emponderamento pessoal, não constituem avanço ético ou refinamento religioso, mas regressão ontológica. Tal postura deriva da recusa moderna do *metaxý*, substituindo a mediação real por uma espiritualidade de interioridade auto-referente, na qual a causalidade divina é dissolvida em estados psíquicos ou valores morais. Jâmblico denuncia antecipadamente esse erro ao afirmar que a presença dos deuses não se produz por disposições interiores, mas por inserção em ordens causais instituídas: *οὐ γὰρ ἡ τῆς ψυχῆς διάθεσις τὴν τῶν θεῶν παρουσίαν ἐργάζεται* (*não é a disposição da alma que produz a presença dos deuses*).² A recusa do custo, seja ele vital, material ou existencial, revela uma tentativa de obter eficácia sem causalidade proporcional, erro que transforma a teurgia em retórica espiritual. Onde não há sacrifício, não há tradução vital; onde não há autoridade, não há responsabilidade; onde não há transmissão, não há permanência. O puritanismo espiritual moderno, o *Ocultismo politicamente correto*, longe de libertar o sagrado, o desontologiza.

Em contraste absoluto com essas espiritualidades subjetivas, a arte hierática afirma-se como ciência rigorosa da mediação, destinada àqueles que compreendem que o sagrado não se oferece sem custo nem se mantém sem fidelidade ontológica. A iniciação, nesse horizonte, não é rito de passagem simbólico nem certificado identitário, mas reorganização real da vida segundo uma hierarquia causal reconhecida e assumida. Proclo insiste que a permanência (*monē*) é o critério decisivo daquilo

¹ Proclus. *Theologia Platonica* I:24. Em Thomas Taylor (Trad.). THE SIX BOOKS OF PROCLUS ON THE THEOLOGY OF PLATO. Kshetra Books, 2017, pp. 103-104.

² Iamblichus. ON THE MYSTERIES. I:12. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 53.

que procede das causas superiores: τὰ ἐκ τῶν ἀνωτέρων αἴτιῶν μένει καὶ οὐ διαλύεται (*o que procede das causas superiores permanece e não se dissolve*).³ A arte hierática exige essa permanência: no comportamento, no caráter, na fidelidade ao eixo escolhido. Aqueles que reconhecem o valor da iniciação sabem que ela não barateia a vida, mas a torna mais custosa, mais exigente e, por isso mesmo, mais real. Este livro elogia explicitamente esses poucos, não por elitismo moral, mas por reconhecimento ontológico daquilo que uma vida iniciada suporta.

Assim, impõe-se uma crítica direta àqueles que falam de teurgia, reivindicam o título de teúrgos e manipulam léxicos rituais, mas não possuem uma vida filosófica capaz de sustentar a mediação que invocam. No platonismo teúrgico, a vida não é consequência da prática; ela é sua condição ontológica. Uma existência governada por impulsos, vaidade espiritual ou imediatismo não se torna teúrgica por acumular ritos, símbolos ou nomes divinos. Jâmblico afirma de modo inequívoco que não existe união imediata entre o humano e o divino: οὐκ ἔστιν ἄμεσος ἡ τῶν ἀνθρώπων πρὸς θεοὺς ἔνωσις (*não existe união imediata dos homens com os deuses*).⁴ A ausência de vida filosófica transforma a teurgia em tecnicização ou fantasia, pois elimina o único terreno onde a mediação poderia permanecer: o *ēthos* reordenado no tempo. Este livro, portanto, não pede adesão nem promete poder; ele exige uma pergunta prévia e inescapável: que forma de vida sustenta aquilo que se pretende operar? Sem essa resposta vivida, toda teurgia é apenas nome vazio.

Este não é um livro barato ao bolso, mas rico àquele que comprehende as *runas* nele inscritas. Essa afirmação não constitui apelo retórico, mas descrição ontológica de uma economia do conhecimento que recusa a confusão moderna entre valor e preço. No horizonte platônico, o acesso ao inteligível implica custo proporcional e renúncia real no domínio inferior; o que é recebido sem custo não permanece. Proclo afirma que a participação se distribui segundo medida e aptidão, e que a recepção sem proporção dissolve o efeito: κατὰ μέτρον ἡ τῶν αἰτιῶν μετάδοσις (*a transmissão das causas ocorre segundo medida*).⁵ O *preço* aqui designa o investimento vital exigido para sustentar a leitura como prática formativa e não como consumo informacional. Onde o conhecimento é tratado como mercadoria barata, o resultado é a inflação de discursos sem permanência; onde o custo é assumido, a recepção se torna estável (*monē*). Este livro assume explicitamente essa economia, não para excluir, mas para impedir a diluição ontológica do que propõe.

A referência às *runas* deve ser entendida, no registro hierático, não como metáfora poética nem como convite à exegese simbólica, mas como indicação de marcas causais (*sunthēmata*) inscritas no texto para operar por reconhecimento ontológico. Proclo distingue explicitamente os símbolos que representam daqueles que operam, afirmando que os segundos carregam a própria energia da causa: τὰ σύμβολα τῶν θεῶν αύτὴν ἔχει τὴν ἐνέργειαν (*os símbolos dos deuses possuem a própria atividade [divinal]*).⁶ Ler este livro exige, portanto, uma disposição que reconheça *sunthēmata* e não apenas significados; trata-se de leitura que incide sobre o leitor e o reconfigura, não de interpretação que o confirma. Aqueles que não possuem o hábito da vida ordenada, da atenção e da permanência confundem operação com ornamento e tomam o texto por opinião. As *runas* aqui são índices de causalidade: ou são reconhecidas por afinidade ontológica, ou permanecem mudas.

³ Stephen Gersh. Proclus: Elements of Theology. Em THE CAMBRIDGE EDITION OF THE WORKS OF PROCLUS. Harold Tarrant (Ed.). Cambridge University Press, 2025, pp. 106-107, Prop. 35.

⁴ Iamblichus. ON THE MYSTERIES. I:11. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 50.

⁵ Proclus. IN TIMAEUM. Diehl (Ed.). Teubner, 1903, I:305.18.

⁶ Proclus. IN TIMAEUM. Diehl (Ed.). Teubner, 1903, I:210.

O termo *pares* não designa grupo social, titulação externa ou pertencimento institucional, mas afinidade ontológica entre formas de vida que já foram submetidas à exigência da mediação. No platonismo tardio, o reconhecimento ocorre por semelhança causal e não por adesão declarativa. Proclo formula esse princípio ao afirmar que as séries procedem por congêneres: *αὶ σειραὶ διὰ τῶν ὄμοιών καὶ συγγενῶν προῖασιν* (*as séries procedem por meio do que lhes é semelhante e congênero*).⁷ Este livro se dirige, portanto, àqueles que reconhecem por afinidade e são reconhecidos pela permanência do seu *éthos*. Não há convite à identificação nem promessa de inclusão; há apenas a exposição de um eixo que atrai o que lhe é proporcional. Onde não há afinidade, a leitura se torna árida; onde há, ela se torna operativa.

Assim, reafirma-se que a vida filosófica não é adorno ético da teurgia, mas seu critério último de verdade. A prática hierática não corrige uma existência desordenada; ela a pressupõe reordenada. A ausência de vida filosófica converte a teurgia em técnica vazia, pois retira o único suporte onde a mediação poderia permanecer no tempo. Este livro, ao elogiar a arte hierática, elogia também a disciplina silenciosa, a fidelidade ao eixo e a paciência ontológica daqueles que aceitaram pagar o custo integral da mediação. Aos demais, ele não oferece condenação, mas um limite: sem vida filosófica, não há teurgia, apenas linguagem.

Um dos sintomas mais claros da degeneração contemporânea da teurgia é a fantasia iniciática, caracterizada pela inflação de vocabulário sagrado dissociado de qualquer transformação ontológica efetiva da vida. Termos como *iniciação*, *gnōsis* e *teurgia* são frequentemente empregados como marcadores identitários ou como títulos autoatribuídos, sem que correspondam a uma inserção real na hierarquia do ser. No platonismo tardio, porém, os nomes não produzem aquilo que designam; ao contrário, só são legitimamente atribuídos quando a coisa já se encontra em ato. A fantasia iniciática inverte essa ordem, supondo que a enunciação do nome produza a realidade correspondente, erro que transforma a teurgia em jogo verbal e dissolve sua seriedade ontológica. Este livro se opõe frontalmente a tal inversão, recusando qualquer validação discursiva que não seja acompanhada de permanência existencial e de efeitos verificáveis no *éthos*.

A iniciação verdadeira não se mede por intensidade emocional nem por rapidez de resultados, mas por disciplina, silêncio e duração, pois a mediação ontológica exige tempo para se estabilizar no regime do devir. No platonismo teúrgico, o tempo (*chronos*) não é obstáculo à ação divina, mas o meio no qual a permanência (*monē*) se prova. A recusa moderna do tempo iniciático, substituído por cursos rápidos, ritos instantâneos ou experiências intensivas, revela impaciência ontológica e incapacidade de sustentar a mediação. Este livro pressupõe leitores que compreendem que a iniciação é lenta porque o ser resiste, e que o silêncio não é ausência de conteúdo, mas condição para que a causalidade superior se inscreva sem ruído.

Outro equívoco moderno consiste em opor hierarquia e liberdade, como se a submissão a uma ordem iniciática anulasse a autonomia espiritual. No platonismo teúrgico, ocorre precisamente o inverso: a liberdade ontológica só se realiza quando o ser encontra seu lugar próprio na hierarquia do real. Proclo afirma que cada ente é livre quando age segundo sua causa própria: *έλεύθερον τὸ κατὰ τὴν οἰκείαν αἴτίαν ἐνεργοῦν* (*é livre aquilo que age segundo sua causa própria*).⁸ A obediência hierática não é submissão a uma vontade externa, mas alinhamento progressivo com a

⁷ *Ibidem*, I:211.

⁸ Stephen Gersh. Proclus: Elements of Theology. Em THE CAMBRIDGE EDITION OF THE WORKS OF PROCLUS. Harold Tarrant (Ed.). Cambridge University Press, 2025, pp. 42, Prop. 27.

causalidade que governa a própria vida. A rejeição moderna da hierarquia, em nome de uma liberdade abstrata, conduz paradoxalmente à escravidão aos impulsos, às fantasias e às opiniões. Este livro dirige-se àqueles que compreendem que a verdadeira liberdade não consiste em escolher arbitrariamente, mas em tornar-se conforme à causa que se é chamado a servir.

Por fim, impõe-se distinguir entre riqueza iniciática e pobreza espiritual, distinção que não coincide com critérios econômicos, mas com densidade ontológica. Um livro pode ser financeiramente oneroso e, ainda assim, espiritualmente estéril; pode ser acessível e, contudo, exigir um custo ontológico insuportável para a maioria. A riqueza de DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA não reside na quantidade de informações transmitidas, mas na exigência de uma forma de vida capaz de sustentar o que é dito. Aos que buscam espiritualidade barata, este livro parecerá árido, excessivo ou inútil; aos que reconhecem o peso do sagrado, ele oferecerá não conforto, mas profundidade. Assim se define seu destinatário último: não o leitor que consome, mas o par que suporta.

Este livro não pretende persuadir, convencer ou agregar, mas provar ontologicamente aquilo que afirma, pois no platonismo teúrgico a verdade não se mede por adesão, mas por coincidência causal entre o que é dito e o que é vivido. A retórica visa mover opiniões; a teurgia exige conformidade do ser. Proclo distingue com precisão esses regimes ao afirmar que a verdade inteligível não se impõe por discurso, mas se reconhece por afinidade: οὐ διὰ λόγων ἡ τῶν νοητῶν γνῶσις, ἀλλὰ διὰ τῆς πρὸς αὐτὰ συνουσίας (*o conhecimento dos inteligíveis não se dá por discursos, mas pela convivência com eles*).⁹ A leitura deste livro opera nesse registro: ou o leitor reconhece por consonância ontológica, ou permanece exterior ao que é exposto. A ausência de persuasão é, portanto, intencional; ela preserva o critério teúrgico segundo o qual apenas o semelhante conhece o semelhante.

A exclusão implícita que este livro estabelece não é social nem moral, mas ontológica, e cumpre função necessária na preservação do sagrado. No platonismo tardio, o limite (*peras*) não é negação, mas condição de forma; sem limite, o ser se dissolve no indefinido. Proclo afirma que toda determinação procede do limite: τὸ πέρας αἴτιον πάσης ὄριστότητος (*o limite é causa de toda determinidade*).¹⁰ Ao não oferecer acesso irrestrito, este livro preserva a diferença entre instrução e iniciação, entre leitura e transformação. O não-acesso funciona como prova: quem se ressentir do limite revela incompatibilidade ontológica; quem o aceita demonstra capacidade de permanência. A teurgia, como ciência da mediação, exige limites para operar, pois só o que é delimitado pode tornar-se receptáculo proporcional da causalidade superior.

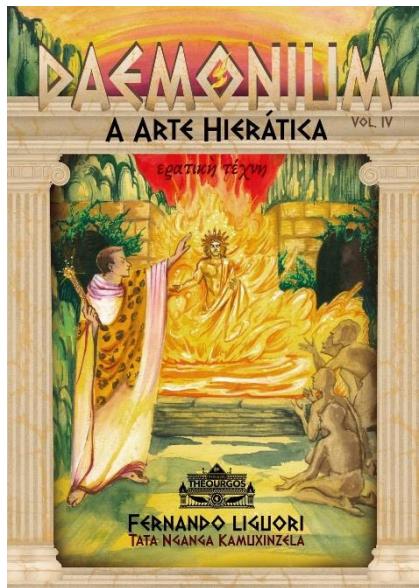
Com isso, encerra-se a Introdução de DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA, tendo sido estabelecidas as condições ontológicas, hierárquicas e existenciais sem as quais a teurgia permanece ininteligível. As seções precedentes não constituem prefácio informativo, mas prova preliminar daquilo que o livro exigirá continuamente: vida filosófica ordenada, aceitação do custo ontológico, fidelidade à mediação e reconhecimento da hierarquia como estrutura do real. Jâmblico resume essa exigência ao afirmar que a cooperação com o divino não é acessível sem preparação adequada: οὐ γὰρ ἡμῖν ἐφ' ἡμῶν ἡ πρὸς τὸ Θεῖον ἔνωσις, ἀλλὰ διὰ τῶν προκειμένων τάξεων (*a*

⁹ Proclus. IN PLATONIS PARMENIDEM COMMENTARIA. 3 Vols. Carlos Steel (Ed.). Oxford University Press, 2007–2009. Cit. Vol. 1, Livro I, 2007, pp. 49.

¹⁰ Stephen Gersh. *Proclus: Elements of Theology*. Em THE CAMBRIDGE EDITION OF THE WORKS OF PROCLUS. Harold Tarant (Ed.). Cambridge University Press, 2025, pp. 97, Prop. 89.

*união com o divino não depende de nós mesmos, mas das ordens previamente estabelecidas).*¹¹ O que se segue, portanto, não é mera exposição teórica, mas aprofundamento progressivo daquilo que já foi exigido desde o início: que o leitor prove, na própria vida, a verdade da arte hierática. A passagem ao Capítulo 1 não marca mudança de tema, mas entrada efetiva na vida filosófica que torna possível tudo o que foi aqui afirmado.

¹¹ Iamblichus. ON THE MYSTERIES. I:11-12. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 53.



O presente texto trata-se da Seção 6 da Introdução do quarto volume da série DAEMONIUM, dedicado exclusivamente a *arte hierática* da teurgia. Em breve disponível para compra.



www.theourgos.com.br
www.goeteia.com.br